



Pais e Filhos: Um olhar amoroso e vigilante

Irmãos: amigos ou rivais?

As férias estão aí. E as crianças em casa, juntas. O que durante o ano era esporádico, nas férias se acentua: a rivalidade entre irmãos. Sejam todos meninos ou meninas, sejam duplas, trios, eles e elas em algum momento do dia (ou talvez em vários) vão brigar.

É o mais velho que implica com o menor, é o menor que perturba o mais velho... Eles ridicularizam as bonecas e os “rosas” delas... Elas invadem a privacidade deles... E vez por outra mãe e pai são chamados (ou gritados!) para socorrer, apartar ou servir de juiz em alguma discórdia. E aí o que fazer? Naturalmente temos a tendência a favorecer os menores, justamente porque são menores e ainda usamos o argumento de que o maior, por ser maior deve ceder mais. Nem sempre isto funciona. E no futuro isso terá um preço.

Primeiramente precisamos entender a dinâmica destas disputas. Antes de mais nada pare e pense: você gosta de dividir as coisas? Ter que abrir mão de um pedaço do chocolate quando alguém nos pede às vezes é muito difícil. Imagine então ter que dividir pessoas. Pessoas que amamos e que nos são a base, a referência, o chão do nosso mundo: pai e mãe. É aí que mora o perigo! As crianças que vivem bri-

gando, tenham a idade que tiver, estão na verdade disputando quem é o mais amado pelo pai, pela mãe ou por ambos! Muitas das famosas picuinhas entre os rebentos são verdadeiras “quebras de braço” para ver do lado de quem a mamãe ou papai vai ficar. Ter conhecimento disto ajuda muito na hora de desfazer uma desavença ou mesmo apartar uma briga entre seus filhos. Lembrar-se de que você seja pai ou mãe é o objeto de atenção e o alvo da disputa permite um julgamento mais equilibrado. Decidir pelo que tem razão, seja o maior ou menor. Castigar adequadamente quem merece. E, principalmente um bom papo com ambos, não só diminuirá a frequência das brigas, como fortalecerá a certeza de que você os ama independente do que façam ou da idade que tenham.

Muitos pais focam a sua atenção nos filhos mais levados, ou aqueles que dão mais problemas. E acabam se esquecendo um pouco do mais quieto, obediente e que não dá muito trabalho. Para este filho “esquecido” é preciso uma

atenção especial de vez em quando: uma saída a dois, uma brincadeira compartilhada, um papo sobre suas preferências... É muito comum achar que estas crianças gostam de tudo e aceitam tudo. É verdade, mas possivelmente para agradar os pais e sentir-se querido e amado por ser o filho (a) bonzinho (a). No futuro estas crianças podem ter dificuldades de fazer escolhas, na carreira, nos relacionamentos pessoais, no trabalho... Pois elas sempre escolhiam para agradar a alguém, nunca a elas mesmas. Conversar com o filho mais sossegado é dar voz aos seus desejos, medos, preocupações e alegrias. Pode ser que mesmo sendo o filho mais quieto às vezes ele goste de provocar o irmão mais briguento, para que este, que vive se estourando faça alguma besteira e seja repreendido pelos pais. Ponto para o mais quieto! Desta forma ele evidencia o comportamento inadequado do irmão e em contrapartida reforça o seu bom comportamento, principalmente quando pai e mãe não conseguem perceber

quem começou, pois já estamos acostumados com o nosso briguento, então “foi ele...” Ser acusado injustamente muitas vezes, contribui para a diminuição da auto-estima dos filhos mais agitados. Pensam que sempre estão errados e que nunca são ouvidos. Crescem achando que o mundo está sempre contra eles e que por mais que se esforcem não terão êxito. Estas crianças desenvolvem um ciúme muito grande pelo irmão “certinho” e não alimentam por ele a fraternidade que é tão necessária para todo e qualquer relacionamento humano.

Pais e mães podem sentir-se envaidecidos a cada briga dos filhos, sabendo que é por eles que estão brigando. Mas a postura que irão tomar diante de cada briga, cada discussão, cada impasse é determinante. Não só no resultado da questão, mas na personalidade das crianças envolvidas. Criamos nossos filhos para serem felizes, fraternos e realizados. Mas muitas vezes nossos comportamentos: alimentando disputas e desavenças entre eles porque isto nos infla o ego, ou achando que briga de criança depois passa; não estamos contribuindo para esta realidade. Precisamos cultivar em nossos filhos a amizade entre eles, para que no futuro eles saibam ampliar este sentimento para todas as pessoas com as quais eles irão se relacionar. **MB**

Mônica Walliter: Professora, Psicóloga e Psicopedagoga
e-mail para contato:
mrocaw@gmail.com